

SEM OLHAR PARA TRÁS

Silvana Mazzuquello Teixeira⁷
silvanamazzuquello6@gmail.com

20 de fevereiro de 1924, dia antecedente ao reencontro.

O dia estava passando rápido, as horas do relógio pareciam engrenar-se mais depressa, o sol, ao longe, ia se escondendo, deixando o céu com cores quentes, misturadas em vermelho, roxo, amarelo e laranja. Augusta suspirava, debruçada a janela de seu quarto, observando a paisagem que tinha diante dos olhos. Olhos cor de mel e tristes. Tristes por pensar que na manhã seguinte, ao ir a igreja, reencontraria o amor de sua vida, não para casar-se com ele, mas para ir em sua missa solene de Ordenação Presbiteral, a qual foi convidada por meio de uma carta. Carta essa que era dividida em desculpas, agradecimentos e conclusão, acompanhado de um terço, com o convite desgostado pela jovem.

“Querida, Augusta

Escrevo-te em primeiro, colocando minhas sinceras desculpas neste papel que banho com minhas lágrimas, ao pensar em teu último sorriso remetido a mim. Sinto muito por fazer com que criastes alguma expectativa sobre a minha pessoa, que por vezes, deixou o desejo carnal falar mais alto, cometendo confusão de sentimentos. Agradeço-te por todo carinho e amizade prestados e pelo ensinamento das coisas da vida. Aproveito com este escrito para convidar-te a minha ordenação, que será no dia 21 de fevereiro, na Igreja Pietá. Sem mais delongas, espero lhe ver neste dia que para mim será de grande satisfação.

Cordialmente, Diácono Jorge Bonifácio.”

⁷ Egressa do Curso de Letras - UNESC

13 de agosto de 1915, como se conheceram.

Inês era amiga de Augusta, que a conheceu em um curso de etiqueta, na cidade vizinha. As duas se aproximaram muito e por ventura, Inês comentou com sua colega que mantinha amizade com um rapaz de sua cidade. O rapaz fazia parte do grupo de acólitos o qual Inês participava. Era um moço educado, com alto intelecto e com amor profundo às obras da igreja. Logo, Augusta se interessou pelo jovem e pediu para que Inês lhe desse seu endereço, para que assim, pudesse enviar cartas ao rapaz, e assim, conhecê-lo.

A acólita sabia do forte desejo do rapaz de se tornar padre e contou a Augusta sobre esse chamado. Augusta, com essa informação, só aflorou ainda mais a pretensão de se aproximar do moço desconhecido. Queria entendê-lo, encontrar sua essência, conhecer os sons de seu corpo e ouvir sua respiração, antes mesmo de conhecer o jovem pessoalmente. Cegou-se. Ficou cega pela paixão platônica.

Pensou mil vezes em escrever ou não para o rapaz. Pegava papel e caneta, rabiscava, pensava, escrevia, apagava. Jogava os rascunhos ao lixo. Batia o lápis na mesa. Pensava, orava, escrevia. Ansiedade. Certo ou errado? Pensava, escrevia, sonhava. Decidiu-se. No mesmo dia, enviou a primeira carta.

“Caro, Jorge

Escrevo esta carta como reconhecimento de sua pessoa e ações na obra da igreja e reino de Deus. Dentre nós, há uma amiga em comum, a doce Inês. Gostaria de manter contato convosco e conhecer-te melhor, para que possamos trocar anseios de vida e experiências pastorais.

Cordialmente, Augusta Pereira, sua admiradora.”

E assim, o primeiro passo para o desenrolar (ou enrolar) desta história foi dado. As primeiras cartas eram realmente sobre os serviços da igreja, sobre eles mesmos, sobre aspectos políticos e sociais da época e sobre literatura, que ambos eram apaixonados. Ele possuía uma biblioteca própria, ela, tentando ter uma. Aos poucos começaram a escrever sobre sentimentos e construir poemas e enviar uns aos outros. Em meses já estavam ligados e entrelaçados no campo da paixão. Relatavam em suas cartas, agora amorosas, o que gostavam no outro, os desejos de suas bocas terem contato, trocavam fotografias enviadas por cartas e falavam sobre futuro, casamento e filhos.

21 de novembro de 1915, da poesia ao chão.

Dia da Ordenação de Padre Manoel. Augusta sabia que por mais que Jorge a amasse e dissesse isso com todas as letras, ele ainda pensava em ir para o seminário. Neste dia, eles iriam se encontrar na igreja. A jovem romântica pensando em prender o rapaz ao seu coração de vez, lhe escreveu uma poesia e o entregou, ao lhe ver. Os dois se olharam, entrelaçaram seus corpos em um longo abraço, que foi interrompido pela chegada do padre da paróquia. Os jovens se separaram e sentaram em lados opostos para a solenidade. De longe, a moça via os olhos de Jorge brilhando para cada ornamento e momento da missa. Sentiu em seu coração, a perda do amado. Foi embora sem se despedir.

Jorge chegou em casa, colocou a mão em seu bolso e retirou um pedaço de papel amassado, mas cheiroso. Era o perfume suave de Augusta.

*“Quando escrevi as primeiras palavras
direcionadas a ti,
podes ter certeza
que algo diferente senti.*

*Curiosa estava eu,
em desvendar cada mistério teu.
Queria conhecer cada traço e cicatriz,
mas com tanto sentimento aprisionado,
não conseguia resolver tua bissetriz.*

*Olhando em teus olhos,
havia sempre previsão de chuva a voltar,
sentia uma remota necessidade
de cuidar.
Queria apenas te ter aqui enfim,
pois quando conversávamos encontrava
mais de mim.”*

Tudo em vão. Ele já havia tomado a decisão.

10 de dezembro de 1915, última carta e explicação de Jorge.

“Querida, Augusta

Sinto muito por tudo. Não posso mais levar isto adiante, tenho de seguir minha vocação. Minha vida está traçada a andar retamente no caminho de Deus e decido andar sozinho, sem uma esposa. Irei para o Seminário no próximo mês. Sinto-me muito bem, espero que estejas feliz. Não me escrevestes mais e preocupo-me contigo. De qualquer forma, amo-te... minha amiga.

Cordialmente, Jorge.”

Amiga. Era assim que ele via ela. Ela não podia dizer o mesmo. Sentia-se quebrada, ao chão, sem poder levantar do abismo em que caíra. Como podia o perdoar? Como podia o responder? Não haviam forças para isso. Preferiu sofrer calada. Preferiu não escrever-lhe mais. Agora tudo estava acabado, inclusive seus sonhos de amor. Durante longos oito anos viveu assim, esperando que um dia, o amor de sua vida saísse do seminário. Pois bem, hoje era o dia tão esperado. Ele iria sair do seminário, mas não como o planejado. Sairia de lá padre consagrado pela igreja.

21 de fevereiro de 1924, do ponto final ao começo de paragrafo.

Augusta acordou, se olhou no espelho, colocou seu melhor vestido e sem tomar um reforçado café, foi à igreja para a Ordenação de Jorge. Chegou nas escadarias da igreja, respirou fundo, acalmou o coração e subiu em direção à assembleia. Todos já estavam sentados, dali a poucos instantes começaria a celebração. Sentou-se no último banco, de maneira a ficar afastada. Olhou a seu redor, não encontrou ninguém que conhecesse. Sua amiga Inês estava em outra cidade naquele dia. Então era somente ela e sua estrutura frágil, vivendo tudo juntas.

Fechou os olhos por um segundo, respirou calmamente e no mesmo instante sentiu um perfume forte e ao mesmo tempo suave enredando o ar. Sentiu também, que alguém se aproximava. Viu sua sombra. Não olhou para cima. Ouviu uma voz. Voz que não lhe era estranha, mas não muito familiar. Era como se já estive escutado alguma vez em sua vida, mas só. O rapaz que se aproximava vestia um terno azul, assim como seus olhos. Ao vê-lo estremeceu.

- Posso me sentar aqui? A igreja está cheia e sou novo na cidade.

- Claro, fique a vontade.

- Me lembro de você, é como se já tivesse lhe encontrado em algum lugar.

Balançou a cabeça e olhou os sapatos do moço. Ali estava a resposta.

20 de fevereiro de 1924, ao passo de não perceber.

Enrico chega a cidade para gerenciar a livraria local, que era um negócio de família, do seu tio, que havia falecido a poucos meses. O rapaz, apressado, sai do vagão do trem pegando suas malas, indo em direção ao prédio comercial, que ficava a três quadras da estação. Enrico morava na cidade vizinha, era um bom garoto e teve de enfrentar um período triste da sua vida, quando há cinco anos foi estudar Literatura em outro país e nesse meio termo os pais faleceram em um acidente. O rapaz, muito sorridente que era, se fechou na imensidão de seus sentimentos, tornando-se cada vez mais calado.

Ao caminhar até a livraria, em passos largos e rápidos, sem olhar para onde andava, apenas seguindo em frente, esbarrou em uma moça, que vestia amarelo. Não viu a mulher de forma integral, mas reparou nos traços do rosto e cabelo. Se desculpou, desajeitado, e continuou andando. A moça, carregando algumas sacolas, também distraída, nem olhou para o rosto do rapaz, apenas viu seus sapatos, em meio a tantos outros. Resmungou algumas palavras de perdão e seguiu com sua vida, sem olhar para trás. Enrico, porém, olhou para trás, desejando que ela a olhasse pelo menos uma vez.

No fundo, Enrico e Augusta tinham coisas em comum. Ambos se machucaram por amar demais, só que de formas diferentes. Acabaram se frustrando e se afastando das coisas que coloriam suas vidas. Assim como tantas histórias. Todavia, guardavam em seus peitos a doce esperança de poder amar novamente e usar as paletas de cores guardadas as sete chaves, pelo coração, a fim de pintar de novo, suas vidas.

21 de fevereiro de 1924, do ponto final ao começo de paragrafo. CONTINUAÇÃO.

A missa começa e vão entrando a cruz, que representa Cristo, os familiares do Ordenado, padres da diocese, e membros da igreja para dar início ao final do ciclo. Celebração calma. Os olhos de Augusta atentos a Jorge, mas, ao mesmo tempo, olha de soslaio Enrico. Era como se o encanto por Jorge, agora padre, tivesse sido desfeito e se feito em Enrico. Como poderia acontecer isso? Coração traiçoeiro. Mas não tanto. Apaixonado. Com necessidade de amar. Ao fim da solenidade, Augusta vai até Jorge, pedindo sua Bênção e o abraça. Era o abraço da reconciliação, da amizade que ainda, de fato, exista. Abraço do perdão, da libertação. Do novo passo. Ponto final, para um paragrafo novo ser escrito. Nesse dia, duas decisões foram feitas. A de Jorge por continuar no ser chamado, e a da Augusta por recomeçar. Ambos realizados em seus propósitos. Um na Ordem, e outro, num futuro próximo, no matrimônio.

Ao sair da igreja, Augusta sorri ao olhar o céu e é surpreendida pelo convite de Enrico para caminhar pelo centro da cidade. Jamais imaginaria que isso acontecesse. Ainda mais assim, ainda mais ali, naquele dia. Mas por quê não tentar? Era a vida dando-lhe uma nova chance. Um novo caminho. Uma nova pessoa para conhecer.

Enrico era bonito, educado, tinha postura e muito inteligente. Falava sobre tudo. Sobre o mundo. Fazia Augusta se sentir bem. Sentir-se mulher. Sentir-se desejada. O rapaz tinha um coração voltado às coisas de Deus e era correto. Ela agora já não precisava mais mendigar amor. Pois os dois transbordavam esse sentimento e queriam compartilhá-lo entre si. Em seis meses noivaram. Em um ano casaram. Jorge fora o Padre.

Rápido e certo. Certo como fecha atirada ao alvo. Corações entrelaçados. Felicidade a tona. Sorrisos ao rosto. Esperança renovada. Rápido. Reviravolta. Sem erro. Parecia que eram destinados a tal laço. Relacionamento forte, afável. Leve, brando, compreensivo. Enrico demonstrava seu amor em gesto, em prosa, poesia e manifesto. Era lindo de ver. De sentir. De amar. Agora Augusta entendia a demora, entendia a perda, as fases que tinha passado. Tudo valeu a pena.

Os dois começaram a “tocar” a livraria do tio de Enrico e sob nova direção o comércio ganhou vida. Reformaram o ambiente e os títulos nas prateleiras. Enrico escreveu seu primeiro livro e o publicou. Viajavam por todo território nacional em busca de nobres literaturas e a Ásia, Augusta foi conhecer, junto a seu esposo. A felicidade fez-se morada. Novamente: Tudo valeu a pena. Mas é uma pena, que a felicidade é como nômades. Vêm e vai. Se instala e sai.

08 de Outubro de 1927, medicina questiona.

Enrico andava estranho nas últimas semanas. Calado, cansado, com fortes dores no tórax. Não se alimentava direito, seu riso era um riso exausto. Tossia muito, tinha febre a noite, reclamava de mal estar. Já não ia à loja, nem se quer ia ao jardim pegar sol. Ficava na sala, envolto aos livros, que eram sua principal companhia ao longo desse período. Augusta cuidava da livraria em tempo integral, chegava em casa ao entardecer. Ela sabia que havia algo errado, preocupada, chamou um médico.

O médico fez a consulta em casa, muito calmo, examinou Enrico com toda paciência e cuidado. Pediu-lhe para tossir três vezes e respirar profundamente entre as tossidas. Em meio ao processo de diagnóstico, o enfermo teve uma intensa falta de ar, a qual não deixou dúvidas sobre a doença que estava. Tuberculose. Como isso fora acontecer? Não sabiam, o que sabiam é que já estava em estágio grave e precisavam iniciar o tratamento o mais rápido possível.

Iniciado o tratamento com antibióticos diários. Remédios fortes, deixavam o homem fraco. Os dias passavam e mesmo com todo cuidado médico, parecia que a doença só se agravava. Os sintomas pioraram. A falta de ar era intensa. A frequência e das tosses aumentaram, agora, expelindo sangue. Não adiantava. A bactéria já estava tomando conta dos órgãos. Enrico ficava cada vez mais exausto. Principalmente em ter de continuar o tratamento. Conversou com Augusta. Chorou. Sentiu um amor profundo. Sorriu. Desistiu do tratamento.

20 de Novembro de 1927, o fim deles.

Era triste. Augusta só tinha Enrico. Não tiveram filhos, ambos eram órfãos, sem parentes próximos. A mulher esteve com o marido a todo o momento, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da vida deles juntos, até que a morte os separou. Era o fim. Mais um fim. Augusta sentiu no dia do falecimento uma morte interna de imediato. Queria, também, morrer. Chorava, sentia, doía, gritava. Gritava a dor em silêncio. E chorava...

No enterro, poucas pessoas, só os mais chegados. Todos quietos, não sabiam o que dizer. Mas pensavam “pobre, mulher...”. O dia estava nublado e triste. O sol não aparecera nem por um segundo. As árvores balançavam sem ritmo. Tudo parecia novamente sem cor. Sem ânimo. Sem vida. Anoteceu.

28 de Novembro de 1927.

Sentada na cama, Augusta começou a pensar em tudo que já havia vivido. Em todas as suas batalhas internas e pedras, em seu caminho, que já havia tropeçado. Viu-se sozinha naquela casa e com olhos tristes, pôs-se a chorar. Era bom. Aliviava sua alma. Olhando fixamente o criado-mudo, viu um terço que ali estava. O terço que veio junto a carta-convite de Padre Jorge para sua ordenação. Pensou nas orações feitas naquele terço, sua vida, sua intimidade com Deus, pensou no seu trajeto, e pensou em ser religiosa.

Malas prontas. Sem muitos pertences. Decisão tomada. Queria se reservar. Escolheu o melhor lugar. O convento. Lá fora ela se abrigar. Muito apegada a Deus, esse pensamento veio a calhar. Augusta que viveu em busca de paixões, morreu para si, viveu para Cristo. E foi. Foi mesmo. Só com Deus a lhe guiar. Como sempre, sem olhar para trás.